

Quando pensar cede ao ato seu excesso de espaço

Duas analíticas do sexo (seqüência)

O que me salva do ensino é o ato.
J. LACAN, 19/04/1970.

ARGUMENTO

Um ato sem relação e não obstante um ato, assim pareceu à Jacques Lacan o ato sexual. Aquele do qual se desobriga o onanista, aquele que soube, dentre poucos, se aproximar de D. H. Lawrence. Sua escrita foi reconhecida andrógina por duas mulheres que não se poderia qualificar de ingênuas: Anaïs Nin e Catherine Millet.

O ato analítico é, também ele, um ato sem relação? Ele é aquele deste analista que Lacan alojava em um certo lugar caracterizado por um “eu não penso”. Pergunta-se: há um só instante em que é possível não pensar a respeito do analisante? Uma ascese impossível?



Lucio Fontana, *Spatial Concept*

A este lugar a análise, ainda segundo Lacan, daria o acesso. Chega-se aí, passa-se aí, isso por meio de um salto que ele chamava de “passagem ao ato advertido”.

O que equivale a dizer que, a partir daí, a passagem ao ato está por ser configurada, em especial porque, recentemente, Fethi Benslama anunciou (fato raro) um novo dado clínico: o salto épico.

Apenas poderemos abordar essas questões ao distinguir duas analíticas do sexo: uma primeira centrada no objeto *a*, uma segunda onde se trata da inexistente, não obstante insistente, relação sexual.

BIBLIOGRAFIA

- Allouch, Jean, *L'Autre sexe*, Paris, Epel, 2015.
— *Pourquoi y a-t-il de l'excitation sexuelle plutôt que rien ?*, Paris, Epel, 2017.
Lacan, Jacques, *La Logique du fantasme*.
— *L'Acte psychanalytique*.
Lawrence, D.H., *L'Amant de lady Chatterley* [1932], Paris, « Folio » Gallimard, 1993.
Millet, Catherine, *La Vie sexuelle de Catherine M.*, Paris, Éd. du Seuil, 2001.
— *Aimer Lawrence*, Paris, Flammarion, 2017.
Moravia, Alberto, *Moi et lui* [1971], Paris, Flammarion, 1971.
Nin, Anaïs, *D.H. Lawrence. Une étude non professionnelle* [1932], Paris Payot Rivages, 2003.